

## TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO NETATIVISMO: O EXEMPLO DO RAIZ MOVIMENTO CIDADANISTA<sup>1</sup>

**Erick Roza<sup>2</sup>**

O Brasil vive desde 2013 uma efervescência de ações coletivas, organizadas das mais distintas formas e com variados objetivos, resultado das disputas de amplos espectros ideológicos de nossa sociedade. Muitos desses movimentos se enquadram dentro do que identificamos como netativismo. Essa seria uma forma de ação que tem como característica a interação fecunda entre sujeitos, grupos e entidades com as redes digitais em suas diversas interfaces; objetivos, disseminação e implementação são resultados construídos em rede de forma colaborativa; sua relação com as formas tradicionais da ação política é de tensão contínua, tanto nas estratégias de ação como das estruturas de participação.

O objetivo nesse momento é, portanto, compreender como nessas mais de duas décadas de internet comercial, os movimentos netativistas foram se desenhando e passando por transformações sucessivas.

O netativismo só é um conceito útil quando partimos do princípio de que a ação coletiva é, na maioria das vezes, dotada de uma racionalidade e, é justamente o contexto político que constrói esse sentido nas mobilizações. Segundo autores como Tilly<sup>3</sup> (1995) devemos esquecer a fronteira entre política institucional e mobilizações coletivas. Os diversos agentes migram de uma forma para outra. Também não devemos parar em outras fronteiras artificiais como os Estados-Nação. A política e as mobilizações não respeitam necessariamente fronteiras para conter suas formas de ação ou mesmo seus espaços de disputa.

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado ao Eixo Temático 02 – Movimentos Sociais / Ciberativismo / Resistências do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup>Erick Roza é mestre pela Escola do Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Bolsista Capes, doutorando em Comunicação (ECA-USP), participa do Centro de Pesquisa Atopos (ECA-USP). E-mail: Erick.roza@gmail.com

<sup>3</sup>Tilly é o principal representante da Teoria do Processo Político. Para mais detalhes ver Tilly (1995) e Alonso (2009).

Avançando na proposta de ampliar o debate para além das fronteiras, o que chamamos de política institucional, Massimo Di Felice (2008) lembra que a passagem dos meios de comunicação analógicos para os meios de comunicação digital reorganiza a forma de fazer política. Para um modelo “de todos para todos”. Mudam-se a forma e os conteúdos.

Dois foram os movimentos que tiveram importância fundamental na constituição desse modelo que representa o netativismo, desde o seu início. O primeiro deles foi o movimento zapatista (DI FELICE; MUNOZ, 1998), o segundo movimento relevante foi o movimento antiglobalização que teve em Genova e Seattle os momentos mais emblemáticos dessa luta.

Porém, durante a segunda metade da década passada algumas mudanças começam a tomar corpo em diversos campos da sociedade. Essas mudanças combinadas serão responsáveis por parte da mudança no netativismo que acompanhamos nos anos seguintes. Para esse resumo, rapidamente podemos citá-las esperando desenvolvê-las a seguir. Essa transição acontece a partir de três eixos

- Muda a qualidade da crise do capital
- Surge a internet 2.0
- Mudam os movimentos inspiradores e suas práticas

Assim, ponto relevante naquilo que chamamos de netativismo são as referências mobilizadas a partir de um quadro distinto de oportunidades de ação. A quais grupos e a quais referências os ativistas de hoje se remetem ao contar suas narrativas? Para compreender essa mutação caminharemos das referências ao movimento zapatista e a primeira onda de movimentos antiglobalização até o caso de novos grupos ou movimentos surgidos após 2011, veremos que as narrativas de origem, inspiração e mesmo de identificação com atitudes e práticas deslocam-se do movimento zapatista em direção à primavera árabe e para o occupy Wall Street. Essa é, por exemplo, a forma como se constitui a Raiz Movimento Cidadanista que será o último exemplo antes de oferecermos algumas leituras possíveis para o netativismo como categoria analítica.

### a. Do Zapatismo à Crise Global

Quando pensamos nos usos da internet, geralmente imaginamos que as populações que nela participam são sempre grupos mais ou menos ocidentais<sup>4</sup>. No entanto, para compreender como a política toma formas distintas temos que abrir nossa compreensão dos usos e formas de apropriação das redes digitais por outros grupos. Esse é o caso dos povos indígenas espalhados por toda a América. Dentre esses grupos o que inicialmente merece destaque é, sem dúvida, o Movimento Zapatista.

O movimento zapatista surge em meados dos anos 1990 na região mexicana dos Chiapas. Essa é uma região historicamente ocupada por populações indígenas tradicionais e, que durante muito tempo foram negligenciadas pelas autoridades centrais mexicanas. O Chiapas é uma região de densas florestas e grandes cadeias de montanhas e, nos vales algumas cidades se sobressaem. Em 01 de janeiro de 1994 o movimento zapatista organiza uma marcha descendo dessas montanhas rumo às cidades. Todos eles encapuzados e com armas na mão gritam pelas ruas “Já basta”.

Suas bandeiras eram variadas, mas investiam, principalmente na luta pela autonomia para que as populações locais pudessem ter autonomia na gestão de seus recursos e territórios, sem a imposição de uma organização estatal e centralizada. Outra bandeira extremamente relevante era a luta contra o acordo de livre comércio, assinado entre México, Estados Unidos e Canadá (NAFTA). É justamente no dia da promulgação do tratado que a primeira caminhada das montanhas às cidades acontece. Lembremos que esse movimento de liberalização comercial está no centro da proposta neoliberal e, por isso mesmo, os movimentos desse período centram parte importante de suas baterias contra esse tipo de ação.

Podemos dizer que o movimento zapatista representa, sem dúvida, o primeiro movimento do netativismo. Ele condensa grande parte das características que orientam as pesquisas sobre o tema. Além disso, o movimento foi inspiração para uma série de outros movimentos que marcaram os anos seguintes<sup>5</sup>. Segundo Di Felice:

Desde os primeiros momentos, a forma de conflito praticada pelo Exército Zapatista, se diferenciava das estratégias e das atuações clássicas dos movi-

---

<sup>4</sup>Por ocidental pensamos numa categoria que organiza certa tradição religiosa, cultural, política e econômica que se desenvolve progressivamente na Europa da idade média e que avança até a idade moderna. Esse modelo viaja junto com os colonizadores para se fazer presente em quase todos os cantos do planeta.

<sup>5</sup>Mostraremos nas próximas páginas como as explicações da sociologia política dão conta de compreender como as práticas dos diversos grupos ativistas ao redor do mundo se espalham ao longo do tempo. (TARROW, 2009)

mentos de guerrilha latino-americanos, baseados na criação de “focos revolucionários” e “áreas liberadas” que, expandindo-se, levariam progressivamente à construção do exército popular revolucionário e à conquista do poder. O comandante indígena Tacho, em entrevista, explicara claramente que o objetivo do exército – composto predominantemente de indígenas – não era o de tomar o poder, “conquistando o palácio do governo”, nem o de sequestrar o país com as armas, mas aquele mais ambicioso de “habitar o coração de cada mexicano” e de buscar uma transição pacífica em direção a uma nova sociedade, um novo México, onde imperasse “Democracia, Liberdade, Justiça”. (DI FELICE, 2017, em fase de elaboração)

Não entrava na ordem do dia, portanto, a tomada do Estado e de todo seu aparato para uma transformação social. O projeto de mudança passava ao largo do assalto aos meios tradicionais de gestão da vida cotidiana. Era, em última instância, a construção alternativa de novos espaços de onde seria possível alcançar a liberdade e autonomia das populações indígenas.

À frente do movimento encontrava-se o subcomandante Marcos. Curioso notar que, aquele que estava na dianteira se identificava como subcomandante. Aí vem a pergunta necessária (ao menos necessária para aqueles que pensam a política estritamente a partir das concepções ocidentais). Quem seria então o comandante? A resposta revela a profunda integração do movimento zapatista ao netativismo. O comando era das populações indígenas, ou seja, era um poder descentralizado e que por vezes se coagulava nas expressões do subcomandante Marcos.

Sim, expressões. O subcomandante apresentava-se como porta-voz daqueles grupos<sup>6</sup>. Sua palavra era desprovida de poder de ação e de decisão. Pela sua boca eram ouvidos todos os indígenas que a ele davam corpo. Corpo esse que em nada lembra o poder soberano apresentado por Hobbes (2008).

Podemos ter uma ideia de como isso foi um curto circuito para a política tradicional. Durante as negociações entre o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e o governo mexicano existiam dois modos de pensar à mesa. O governo mexicano enviava um representante, que por estar na chave política tradicional tinha plena autonomia para deliberar *no lugar do* governo. Já o EZLN enviava porta-vozes. Assim, a cada rodada de propostas feitas pelos representantes do governo, os negociadores indígenas deviam entrar em contato com as assembleias populares e esperar pelas decisões que só lá seriam de fato soberanas. A personalização também não era parte do vocabulário desses grupos. Os porta-vozes, como o

---

<sup>6</sup>Clastres (2003) mostrará, como veremos a seguir, que esse procedimento pode ser encontrado em muitas populações indígenas na América do Sul e de fato organiza uma perspectiva nova para se pensar o poder e a coerção entre essas sociedades.

subcomandante Marcos, estavam sempre usando capuzes que impossibilitavam sua identificação.

A despersonalização é de tal ordem que em muitos momentos foi cogitada a hipótese de que subcomandante Marcos não era uma pessoa e sim um coletivo que se expressava por essa persona<sup>7</sup>.

Outra característica marcante no movimento zapatista que por nós merece destaque foi o seu uso contínuo das redes digitais, como forma de se comunicar e interagir com o mundo. Como mostra Di Felice:

Desde os primeiros meses, a conflitualidade inaugurada pelas comunidades zapatistas era caracterizada por uma intensa ação comunicativa, quase diária, que enviava, via Internet, comunicados ao mundo, explicando em linguagem não política, mas literária e poética, as razões daquela escolha, de suas reivindicações, contando sobre o cotidiano das comunidades e a vida de todos os dias. Os comunicados e os escritos que chegavam via Internet a todo o mundo eram assinados pelo Sub-comandante Marcos ou pelo “Comitê Clandestino Revolucionário Indígena” (CCRI). As interações estabelecidas via Internet pelos insurgentes não se limitavam a um simples diálogo, mas se estendiam a uma série de formas originais de participação que, em pouco tempo, conseguiram romper os limites geográficos do conflito e o isolamento histórico das comunidades indígenas descendentes dos maias. (DI FELICE, 2017, em fase de elaboração)

Assim, um conflito que possuía uma dimensão aparentemente localizada nas montanhas dos Chiapas, ganha o mundo e se transforma em tema global.

A temática antiglobalização se alastra por diversos lugares na esteira dos acordos comerciais que começam a ser firmados durante esse período. Em Seattle (1999) e em Genova (2001) um dos pontos principais de disputa era, sem dúvida, a onda de privatizações e de gestão privada da vida coletiva e social, a partir de empresas que não passavam por qualquer controle que não as relações de mercado e resposta aos seus acionistas.

Esses grupos ficam conhecidos como movimentos antiglobalização (RUIZ, 2007) e se apropriam de muitas das estratégias de ação já empregadas pelo movimento zapatista. O uso de rostos cobertos, a não identificação de líderes, ação que surgiam e desapareciam antes que os aparelhos repressivos do Estado se dessem conta. Enfrentamentos de terrenos complexos,

---

<sup>7</sup>Em maio de 2014, ano em que se comemoravam os 20 anos daquele 1 de janeiro que levou o movimento zapatista à mídia, um dos principais integrantes do movimento foi assassinado. Seu nome era José Luis Solís, conhecido como subcomandante Galeano. Nesse momento, Marcos leu uma carta na qual anunciava a sua própria morte e, em seu lugar, trazia a vida o subcomandante Galeano para ocupar o lugar de porta-voz do EZLN. Sua carta é um texto exemplar de como operou o EZLN durante esses 20 anos e, de como foi capaz de usar a mídia a seu favor, como as redes digitais foram fundamentais para esse processo e o papel desempenhado pelos porta-vozes no EZLN.

onde transitava a população não-ativista. Essas características foram muito bem organizadas por Hakim Bey (2002)<sup>8</sup>, através de seu já clássico livro-manifesto sobre Zonas Autônomas Temporárias (TAZ). Essas zonas são:

como uma sublevação que não se choque diretamente contra o estado, uma operação de guerrilha que liberta uma área ( de tempo, de terra, de imaginação) e depois se desenvolve para se reformar em um outro lugar, num outro tempo, antes que o estado consiga destruí-la...(…) De fato, o estado não consegue reconhecê-la porque a história não tem uma definição dela... (BEY, 2002, p. 5).

A TAZ claramente se apresenta como um projeto anti-institucional, com forte influência das correntes anarquistas no seu modo de ação e de pensar o mundo.

A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e em outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la. Uma vez que o Estado se preocupa, primordialmente, com a simulação e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, "ocupar" clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos. (BEY, 2002, p. 12)

Sua via privilegiada de organização eram as redes digitais que colocavam em conexão os diversos grupos ao redor do mundo e, ao mesmo tempo, criava novas formas de experiências de ação coletiva. É evidente que parte dos objetivos presentes nos desenvolvimentos bélicos das tecnologias digitais pelo governo norte-americano nos anos 60 e 70 foi ressignificada por esses movimentos.

Parte dos sistemas que vemos colocados em movimento dentro das redes digitais foi desenvolvida para dialogar num cenário de guerras de guerrilha urbanas. Isso vai ser elemento fundamental para a compreensão de como os movimentos sociais podem se valer desses mesmos dispositivos, num diálogo em que jogam o mesmo jogo de micro-operações, ações furtivas e uma série de estratégias que reconhecemos desde o Zapatismo até Seattle e Gênova. Como afirma Mattelard:

A doutrina da “guerra limitada”, resposta ao desencadeamento de guerras e de guerrilhas nos países do terceiro mundo, determina outras necessidades, comandadas pelas estratégias ditas contra-insurrecionais. No plano da inovação técnica, a ênfase é posta no desenvolvimento de novos dispositivos de vigilância, de sensores, de alarmes, de infiltração, de radiocomunicação, de computadores, de ligações regionais via satélite. Em suma, assistimos à emergência das microtecnologias do *electronic battlefield*. (MATTELARD, 2001, p. 61).

---

<sup>8</sup> Esse, também um pseudônimo utilizado por Peter L. Wilson.

Se é fato que a internet surge em um cenário bélico e que ela se transforma, “não podemos ignorar que dentro dela as ações e os termos bélicos ainda se mantêm presentes no ativismo que nela habita: guerrilha, tática, ocupação.”. (RUIZ, 2015, p.16). No entanto, é a sua capacidade de dar novos significados a esses componentes que criam a novidade nos movimentos netativistas desde o EZLN aos movimentos antiglobalização.

A ação coletiva – na arte ou no ativismo – recorta o “sensível comum” (Mesquita 2011:38), cria espaços e temporalidades, altera os limites do que é visível e dizível. As práticas organizativas, comunicativas e táticas de um movimento não apenas representam conflitos sociais, mas criam formas da experiência mesma desses conflitos. (RUIZ, 2015, p.12).

Soma-se às características aqui levantadas, a importante nota de que esses movimentos não lutavam pela tomada do poder central e sim por criar, à exemplo do movimento zapatista, áreas de autonomia e de participação popular. Temos aqui parte significativa das características desse que chamamos o primeiro momento do netativismo.

Sua estrutura a nosso ver vai ser abalada e passar por algumas mudanças significativas na esteira da crise global de 2008. Não somente pelo que ela teve de problemático em termos econômicos, mas também porque encontrou maduras outras características das redes digitais que vinham sendo construídas ao longo dos últimos anos.

#### **b. Uma dobra no netativismo**

Poderíamos tratar de uma lista complexa e ampla de conexões que se deram para que o netativismo passasse pela transformação que acreditamos ter ocorrido. No entanto, apresentamos aqui as mais relevantes para explicar parte importante da mudança na qualidade da ação netativista e da capacidade de ação política. Elas formam um primeiro núcleo de afinidades ecológicas que dará sentido às transformações.

Em primeiro lugar, identificamos uma mudança na qualidade da crise do capital e as respostas que esse oferece contra a sociedade. No período que vai do final dos anos 80 até o ano de 2008 assistimos um avanço extraordinário e sem precedentes dos acordos de livre comércio. NAFTA, Mercosul, União Europeia<sup>9</sup>, a lista aqui poderia se estender por muitas páginas. Esses acordos envolvem grupos amplos de países ou acordos bilaterais. Na sua maioria, tais acordos dizem respeito à livre circulação de capitais, produtos e serviços e uma

---

<sup>9</sup>Apesar do projeto europeu ser antigo, podendo ter como marco de referência a Comunidade Europeia do Carvão e Aço (CEAC), a intensidade da integração aumenta significativamente nesse período tendo como ponto máximo a instauração do Euro como moeda única de parte importante da comunidade europeia.

menor regulação estatal sobre essas transações. No entanto, a circulação de pessoas continua fortemente restrita e controlada (STIGLITZ, 2002).

Nesse período vemos que, como resultado desse processo, uma série de crises varre os países em desenvolvimento. Em 1994 temos a crise no México, em 1997 temos a crise asiática, em 1998 a crise russa e brasileira (avançando até 1999), em 2001 temos a crise turca, em 2002 a crise argentina<sup>10</sup>. Todas essas crises tinham um elo de transmissão comum que era a especulação contra as moedas desses países e a sua capacidade de honrar os compromissos assumidos com organismos internacionais como o FMI. Assim como viajavam as crises viajava também o netativismo. As expressões de revolta popular desse período variam conforme circulam pelo globo, os exemplos de fracasso do modelo econômico neoliberal. No entanto, seguindo as características do primeiro movimento netativista, essas manifestações são temporárias, apesar de sempre contarem com apoio global, não firmam processos duradouros de integração e alternativas que ultrapasassem a política tradicional.

Esse quadro muda radicalmente em 2008 e 2009 quando a crise econômica muda de patamar. Vemos então uma das maiores crises do capital, que só poderia ser comparada à grande depressão de 1929. Duas são as principais características dessa mudança: de um lado, agora a crise deixa de viajar pelo mundo durante um longo período ela é global e instantânea, do outro o eixo catalizador da crise é o mundo desenvolvido principalmente os EUA e a União Europeia. O netativismo se vê diante de uma estrutura na qual não é o apoio a cada momento de crise que interessa, são as múltiplas alternativas ao mesmo tempo que precisam ser construídas.

Outra mudança, significativa nesse momento, é na forma e no ambiente da comunicação digital. As redes digitais ganham duas camadas de complexidade que conversam entre si. A primeira é a da mobilidade generalizada com o avanço dos celulares e smartphones; a segunda a da internet 2.0 que aprofunda as principais características da rede, já presentes nos fóruns, chats e listas de discussão.

Os desenvolvimentos das tecnologias de comunicação móveis foram de um impacto gigantesco na reordenação da ação política e do netativismo. Durante os primeiros anos da década de 2000, os aparelhos celulares deixam de ser produtos voltados para as altas classes e se popularizam rapidamente (CASTELLS, et al., 2004). Seu uso se diversifica com a incorporação de novas funcionalidades. O envio de textos, a possibilidade de se fotografar, a captura de vídeos, a geolocalização é uma miríade de recursos que são rapidamente

10 Grande parte desse enredo pode ser encontrada em detalhes em Stiglitz (2002).



apropriados pelos ativistas, cada um deles joga um papel distinto na constituição do netativismo e da ação política.

Como nos lembra a Teoria da Mobilização de Recursos (ALONSO, 2009), são os jovens, aqueles que mais possuem “disponibilidade biográfica” para o netativismo. E são justamente eles que primeiro se apropriam dessa nova tecnologia móvel que se generaliza. Segundo Castells et al. (2007), os jovens são um grupo que: a) sempre que possível adota a comunicação sem fio mais rápida e com maior utilização das suas potencialidades; b) possuem forte tendência à apropriação de objetos de consumos e de moda que se adaptam ao seu uso em espaços públicos; c) usam esses aparelhos na formação da identidade individual pelas capacidades de personalização. (CASTELLS, et al, 2007, p. 206). Surge assim, uma identidade coletiva jovem que, sem excluir a identidade individual, a reafirma. Possui uma linguagem própria e, muitas vezes, temas de debate próprios, elementos importantes do movimento antiglobalização

A comunicação móvel pelas redes digitais via celular, permite um imbricamento entre público e privado, a partir de espaços considerados públicos com uma disponibilidade perfeita para relacionar vida pessoal e preocupações sociais. A multifuncionalidade permite que o celular seja os olhos e os ouvidos do usuário agindo sobre os outros e o espaço ao redor. Surgem os primeiros repórteres instantâneos numa sociedade móvel que amplifica a sociedade em rede. Com isso, os grupos netativistas ganharão características distintas como:

- **autonomia tempo-espacial:** o controle daquilo que pode e deve ser divulgado, que antes era de posse exclusiva daqueles que tinham os aparatos técnicos para registro passa a ser massivo e generalizado.
- **conectividade permanente:** os movimentos podem realizar transmissões ao vivo ou estabelecer bases de comunicação permanentes entre si.
- **surge uma comunidade instantânea de práticas:** o aprendizado que se dá nas ruas torna-se uma comunidade de práticas e de ação, que organiza um tipo distinto de cultura da participação. Surge aqui uma nova linguagem que, pouco a pouco, estabelece, inclusive uma nova estética e uma forma narrativa.
- **prevalência dos usuários como produtores dos conteúdos e dos serviços:** essas narrativas, por sua vez, passam a ter ressonância na sociedade e ganham legitimação como formas alternativas de entender a realidade.

- **um redesenho do contexto social no qual se realiza a prática política:** com uma autonomia da comunicação, criação de redes de informação e de respostas aos desafios sociais e políticos.

Não é coincidência que os movimentos trabalhem os espaços e os percebam. Apesar da mobilidade ser uma forma fundamental de fazer política, ela não se dissocia dos espaços e dos lugares. Esses podem ser indizíveis, estranhos, atópicos (DI FELICE, 2008) são outras formas de habitar, mas ainda assim são espacialidades.

Di Felice (2017), organiza a conformação do netativismo em três fases distintas e não duas como fazemos aqui. No entanto, sua terceira fase é muito similar ao que apresentamos aqui nessa transição. A exceção, talvez seja uma maior continuidade que o autor atribui antes de 2008 e pós-2008 que aqui tentamos deixar bem marcado.

### **c. O segundo momento netativista: novas inspirações e novos atores**

O conjunto de transformações econômicas, técnicas e de ações coletivas que ganham volume após a crise de 2008, chegam ao seu modelo acabado com aquilo que se convencionou chamar de Primavera Árabe. As propostas são de um conjunto de proposições coletivas complexas e não somente de rejeitar as instituições, por isso começam a se experimentar novas formas de ação.

A Primavera Árabe foi um grande número de revoltas e mobilizações que varreram os países do norte da África e do Oriente Médio. A Tunísia, primeiro país árabe a se levantar contra a opressão de seu regime autoritário e a favor da democratização das suas instituições políticas, conseguiu derrubar o governo de Ben Ali (14 de janeiro de 2011), o mesmo processo ocorreu no Egito (11 de fevereiro de 2011), na Líbia (20 de outubro de 2011) e no Iêmen (20 de fevereiro de 2012). Durante esse período os grupos que tiveram maior destaque nas ações foram os jovens, como era de se esperar, (ALONSO, 2009) e mulheres que se apresentavam naquele momento como novos sujeitos na cena política local., pelos quais, em muitos casos, faziam das redes digitais o lugar da expressão da opinião e da ação e coordenação política. O uso da internet nesse período foi massivo e parte fundamental na queda dos regimes<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup>Se a Primavera Árabe de fato foi uma explosão de revoltas sem precedentes no uso das tecnologias digitais, ela guarda muitos paralelos com a primavera dos povos de 1848. O que é interessante notar nessa comparação é que a velocidade de propagação do movimento de 1848 é impressionante quando comparamos os meios técnicos disponíveis para o avanço dos protestos. (HOBSBAWM, 2009)

A Primavera Árabe foi de fato um grande motor de uma nova onda de revoltas por todos os continentes. Enredados na crise global, movimentos de revolta surgem na Espanha e nos EUA, são o 15M e o Occupy Wall Street. Roza (2012), mostra que:

O *Movimento dos Indignados, ou 15M*, surge na Espanha após uma série de mobilizações nas redes sociais digitais por reformas políticas, fim do financiamento público de partidos políticos, inabilitação para o exercício legislativo de políticos com processos ou condenados, contra o desemprego, a corrupção que culminaram nas manifestações e ocupação da Praça Porta do Sol em Madrid em 15 de maio de 2011. As manifestações se espalharam por toda Europa representando a insatisfação pública contra o poder dos bancos, contra a crise e a favor de uma democracia direta. (ROZA, 2012, p. 92).

Os ciclos de inspiração que têm origem na Primavera Árabe chegaram até os EUA. Ainda Roza (2012) já deixava clara essa ligação

Inspirados no *Movimento dos Indignados* da Espanha e nas revoltas árabes, o *Movimento Occupy Wall Street* iniciou-se em 17 de setembro de 2011 com cerca de 1.000 pessoas protestando pacificamente em Wall Street em Nova Iorque, Estados Unidos, contra o sistema financeiro, considerado o causador dos problemas financeiros dos Estados Unidos. A mobilização iniciou-se pelas redes sociais digitais, com a organização não governamental Adbusters Media Foundation, e o coletivo *Anonymous*. Durante o ano de 2011, os bancos nos Estados Unidos receberam ajuda econômica do governo Obama, causando indignação na população estadunidense atingida por uma das maiores recessões dos últimos tempos. O *Movimento Occupy Wall* foi considerado a maior mobilização popular nos Estados Unidos no século XXI e obteve apoio de muitas personalidades públicas do país. (ROZA, 2012, p.93).

Isso mostra a força da Primavera Árabe como campo simbólico que reagrupou uma infinidade de movimentos/partidos. A primavera só pode, assim, ser entendida numa longa relação de ciclos de incorporação de temáticas, formas de ação, etc. (TARROW, 2009; TILLY, 2005). No entanto, parte importante de sua compreensão surge ao dar voz aos atores que dela se utilizam como referência. O que acontece, então, é que as referências parecem ser constantemente atualizadas, seja para movimentos que tiveram sucesso recente ou, principalmente, para movimentos que tiveram um forte impacto midiático e uma capacidade de reverberar suas práticas e símbolos para além das suas próprias ações. Uma interação fértil que corrobora com essa interpretação é aquela feita entre as narrativas do Podemos e do Raiz Movimento Cidadanista que são uma prova disso. Ficam aqui, em segundo plano, as organizações zapatistas e os grupos antiglobalização e, assumem a linha de frente no imaginário coletivo as *Primaveras Árabes* e o *Occupy Wall Street*. Um ponto relevante naquilo que chamamos de Netativismo é sua fundamentação de origem. A quais grupos e a quais referências os ativistas de hoje se remetem ao contar suas narrativas? Claro que vindo de fora, podemos explicar a partir de referenciais ao movimento zapatista e a primeira onda de

movimentos antiglobalização. No entanto, quando pegamos o caso de novos grupos ou movimentos surgidos após a dobra netativista, vemos que as narrativas de origem, inspiração e mesmo de identificação com atitudes e práticas deslocam-se para a primavera árabe, para o movimento *occupy wallstreet* ou o movimento 15M.

*Raiz movimento cidadanista*<sup>12</sup>, um autointitulado partido-movimento que começa a tomar forma no cenário nacional. Seu modelo nos ajuda a entender o que permanece e o que muda no netativismo, através da voz dos atores envolvidos<sup>13</sup>. A escolha do Raiz só faz sentido porque, em um primeiro momento, ele se apresenta como caso capaz de se generalizar como representante das transformações e permanências que vemos no netativismo nessa segunda fase.

Organizado como um partido movimento, sua proposta difere consideravelmente dos movimentos iniciais. Se, em sua maioria, as bandeiras da primeira fase do netativismo são reativas, genéricas e, muitas vezes, as ações obedecem à lógica das Zonas Autônomas, agora as estratégias parecem ser mais propositivas, focadas e sedimentadas num campo de ação de visibilidade constante. Sua organização tem como um dos elementos mais importantes, os círculos de cidadania:

O Partido-Movimento é constituído por Círculos autônomos e protagonistas, que se inter-relacionem uns com os outros, igualmente, de forma autônoma e democrática. Círculos são unidades de participação e respeito à diferença e à construção do comum. Círculos temáticos (reforma urbana, política de drogas, ambientalismo, etc.), territoriais (por estados, cidades, bairros, comunidades, escolas, universidades, locais de trabalho) ou identitários (LGBT, indígenas, jovens, etc.). Os círculos que se cruzam numa rede sem hierarquia que, por meio do método dialógico, constroem unidades de pensamento e ação; garantem a integridade de cada participante e não necessitam forjar sua força como maioria que esmaga o divergente ou aquele que ainda não se convenceu, plenamente, da melhor solução. Efetivamente, os Círculos pretendem formar uma estrutura lacunar, em edificação constante, num consenso progressivamente construído. Basta ter a iniciativa de criar um círculo e juntar pessoas para que ele seja criado. (RAIZ, 2015)<sup>14</sup>

Os círculos foram as formas prioritárias de organização do Podemos! na Espanha após sua criação. As referências são constantes durante inúmeros textos de divulgação do RAIZ:

Um dos três pilares filosóficos nos quais a RAiZ se sustenta chama-se “**ubuntu**”. Na tradição de diversos povos africanos, **ubuntu** é resumidamente definido como: “*eu sou porque você é, você é porque nós somos.*” Se este fun-

---

12 [www.raiz.org.br](http://www.raiz.org.br)

13 Nesse processo utilizaremos fundamentalmente os textos produzidos pelo Raiz: seu estatuto, a carta cidadanista e os princípios que orientam o movimento.

14 Fonte: <http://www.raiz.org.br/texto-circulos>. Acesso em abr. 2016.

damento é tão importante para a RAiZ, como é que uma pessoa enraizada ou jardineira ou mesmo uma pessoa que queira **colaborar** conosco poderia se sentir representada pela RAiZ? A imagem da representação é uma falsa percepção de participação. No novo paradigma de relações institucionais a "representação torna-se uma exclusão de uma pessoa com a sensação virtual de sentir-se incluída". Portanto, não há espaço para representações. Há espaço para o SER e o ESTAR. Há espaço para a **PARTICIPAÇÃO DE FATO**. "Podemos" na Espanha, "Syriza" na Grécia, são dois exemplos de partidos com esta filosofia. Novos bancos familiares ou populares (não confundir com Banco Popular no Brasil) também contam com participação direta das pessoas envolvidas. (RAIZ, 2015)<sup>15</sup>

As confluências são uma tática eleitoral criada na Espanha por volta de 2013 a partir da rede de movimentos dos Indignados - 15M, tendo por principal fomentador o livro "La apuesta municipalista" da **Traficantes de Sueños**, uma influente cooperativa editorial e livraria de Madrid, que espalhou as sementes desta idéia através de cursos chamados "Asaltar los cielos". A proposta consiste em ultrapassar o que eles chamam de "movimentismo", promovendo um "assalto às instituições" municipais, para construir uma verdadeira democracia a partir dos movimento sociais e da cidadania. Ao contrário do que é muito divulgado (com intuito desinformativo) pela mídia brasileira, Podemos não é o responsável nem um suposto "dono" ou "líder" das confluências, é somente mais um integrante em algumas localidades e, nem todas as localidades contam com sua participação. Muito menos se trata de uma "frente de esquerda" ou "frente popular", pois vai muito além das tradicionais frentes partidárias. "Confluência: algo muito diferente de uma coligação ou aliança político-partidária. Algo mais que uma frente cidadã. Algo mais que uma candidatura de unidade popular. Algo novo, inexistente até um ano atrás.." (RAIZ, 2015)<sup>16</sup>

Uma importante ressalva deve ser feita: essas características e divisões históricas servem para que consigamos compreender o quadro mais amplo das ações netativistas e seus impactos na forma como pensamos a Política. Não devemos tomar essa separação como algo rígido, no qual as características de cada período não estejam, em parte, presentes no outro momento em movimentos e ações das mais diversas.

O movimento Raiz é parte integrante desse novo ecossistema do netativismo no seu segundo momento, podendo demonstrar como as inspirações começam a se solidificar em estratégias duradouras. Os efeitos da comunicação móvel e alta velocidade reconfiguram o espaço e as formas de ação. Suas inspirações, como vemos, começam a deslocar-se para os grupos que surgem ao final do movimento dos indignados na Espanha, e que dão origem ao Podemos!

Enfim, fica claro como uma nova configuração, dada a partir das transformações tecnológicas, econômicas e políticas, criam espaço às inovações no campo das ações

---

15 Fonte: <http://www.raiz.org.br/raiz-nao-me-representa>. Acesso em abr. 2016

16 Fonte: <http://www.raiz.org.br/afinal-o-que-sao-confluencias>. Acesso em abr. 2016

coletivas. Os textos de discussão apresentados pelo Raiz deixam claras as influências e os caminhos trilhados pelo grupo.

## Referências bibliográficas

ALONSO, Angela. **Teorias dos movimentos sociais: balanço do debate**. Lua Nova, n.º 75. 2009

BEY, Hakim. **Taz**. S. Paulo, Editora Conrad, 2002

CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. Oxford: Oxford Univ. Press., 2009.

\_\_\_\_\_. Et al., **The Mobile Communication Society: A cross-cultural analysis of available evidence on the social uses of wireless communication technology**. University Of Southcalifornia, 2004.

\_\_\_\_\_. Et al. **Comunicacion Móvil y sociedade**. Madrid: 2007.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

DI CORINTO, A. e TOZZI, T. **Hactivism – La libertà nelle maglie della rete**. Roma: Manifestolibri, 2002.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009a.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Pos-humano: a crise do humanismo na época das redes**. São Caetano do sul. Ed. Difusão, 2009b

\_\_\_\_\_. (Org.). **Do Público para as redes**. São Caetano do Sul. Ed. Difusão, 2008

DI FELICE, M. & MUNOZ, C. **A revolução invencível**. Subcomandante Marcos e o EZLN. São Paulo: Boitempo, 1998.

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou Matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: ícone editora, 2008

HOBBS, Eric **A Era das Revoluções: 1879-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

MCADAM, D.; TARROW, S; TILLY, C. **Dynamics of contention**. New York: Cambridge University Press, 2001.

RUIZ, Julia. **Artes de Abrir Espaço: apontamentos para análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo**. **Cadernos de Antropologia**. São Paulo, v. 4, n. 2, 2015, p. 13-27.

SCHWARTZ, Edgar. **NetActivism: How Citizens Use the Internet**. New York: O'Reilly, 1996

STIGLITZ, Joseph. **El malestar em la globalización**. Madrid: Punto de Lectura, 2002.

TARROW, Sidney. **Poder em movimento**: Movimentos sociais e confronto político. Ed. Vozes. 2009.

TILLY, Charles. **Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834**. In: TRAUGOTT, M. **Repertoires and cycles of collective action**. Durham: Duke University Press, 1995.

#### **Sites consultados**

RAIZ MOVIMENTO CIDADANISTA. Disponível em <http://www.raiz.org.br/> acesso em 10 de out. 2016.

RAIZ MOVIMENTO CIDADANISTA – O QUE SÃO OS CÍRCULOS? Disponível em <http://www.raiz.org.br/texto-circulos>. Acesso em abr. 2016.

RAIZ MOVIMENTO CIDADANISTA NÃO ME REPRESENTA. Disponível em <http://www.raiz.org.br/raiz-nao-me-representa>. Acesso em abr. 2016

RAIZ MOVIMENTO CIDADANISTA – AFINAL O QUE SÃO CONFLUÊNCIAS? Disponível em <http://www.raiz.org.br/afinal-o-que-sao-confluencias>. Acesso em abr. 2016